

**O POVO FILHO DAS ÁGUAS:  
ENTRE NARRATIVAS VERBAIS E VISUAIS PATAXÓ**

**THE PEOPLE SON OF THE WATERS:  
BETWEEN VERBAL AND VISUAL PATAXÓ NARRATIVES**

Randra Barbosa Barros<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3881-1063>

**Resumo:** As literaturas produzidas por escritores indígenas têm disseminado as vozes de diferentes povos originários. Essas escritas abordam filosofias milenares e questionam o apagamento imposto pelo poder hegemônico. Nesse sentido, é importante utilizar a tecnologia da escrita alfabética com o objetivo de salvaguardar a memória oral e difundir esses conhecimentos para um público mais amplo. Dentre os autores que têm seguido esse caminho, cabe citar a produção de Kanátyo Pataxó (1997), intitulada *Txopai e Itôhã*, a qual narra como os indígenas de seu povo surgiram no planeta. Levando em consideração a importância deste livro, busca-se analisar essa história contemplando os elementos verbais e as ilustrações para evidenciar a perspectiva de mundo Pataxó, intrinsecamente ligada à água. Para tanto, será necessário dialogar com a produção teórica indígena que discute importantes categorias críticas para tratar dessas narrativas, tais como escritas-resistência (Adriana Pesca, 2020), memória cultural (Kaká Jecupé, 2020) e histórias de antigamente (Edson Kaxinawá et. al, 1996). Dessa forma, a investigação destaca a importância de os indígenas estarem criando terminologias próprias para se referirem ao seu legado ancestral e contribui para expandir os estudos acerca das escritas Pataxó, as quais revelam que esse povo é filho das águas.

**Palavras-chave:** Escritas indígenas. Memória cultural. Histórias de antigamente. Kanátyo Pataxó.

**Abstract:** The literature produced by indigenous writers has disseminated the voices of different native peoples. These writings address millenary philosophies and question the

---

<sup>1</sup> Doutoranda, com financiamento CNPq, em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC), na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Mestra em Estudo de Linguagens (PPGEL), pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

erasure imposed by hegemonic power. In this sense, it is essential to use the technology of alphabetic writing in order to safeguard oral memory and disseminate this knowledge to a wider audience. Among the authors who have followed this path, it is worth mentioning the production of Kanátyo Pataxó (1997), entitled *Txopai e Itôhã*, which narrates how the indigenous people of his people appeared on the planet. Taking into account the importance of this book, we seek to analyze this story by contemplating the verbal elements and the illustrations to highlight the perspective of the Pataxó world intrinsically linked to water. To do so, it will be necessary to dialogue with the indigenous theoretical production that discusses important critical categories to deal with these narratives, such as written-resistance (Adriana Pesca, 2020), cultural memory (Kaká Jecupé, 2020) and stories of yesteryear (Edson Kaxinawá et. al, 1996). In this way, the research highlights the importance of the indigenous people creating their own terminologies to refer to their ancestral legacy and contributes to expand the studies about the Pataxó writings, which reveal that this people are children of the waters.

**Keywords:** Indigenous writings. Cultural memory. Stories of yesteryear. Kanátyo Pataxó.

### **Escritas indígenas: diálogos entre Pataxó**

“Cada dia devemos ficar mais atentos  
para registrarmos nossa história”  
(Kanátyo Pataxó, Poniohom e Jassanã, 2001, p. 11).

No livro *Cada dia é uma história*, Kanátyo Pataxó, Poniohom e Jassanã (2001) expõem diversos aspectos da cultura Pataxó. Com o objetivo de utilizar a obra como material didático na Escola Indígena Pataxó Bacumuxá (Minas Gerais), os autores reúnem textos que discutem a história do povo, seu modo de viver, a importância da língua originária, a confecção de vestimentas, sabedoria medicinal, a relação com os seres da mata, o jeito próprio de fazer política e organizar-se socialmente, os sentidos das pinturas corporais, narrativas orais contadas pelos antepassados, entre outros. Compilar todo esse conhecimento em forma de livro é uma maneira de salvaguardar a memória oral, trabalhá-la nas escolas indígenas e disseminá-la para a sociedade dominante.

A obra mostra que “cada dia devemos ficar mais atentos para registrarmos nossa história” (PATAXÓ; PONIOHOM; JASSANÃ; 2001, p. 11). É importante lembrar que os povos originários, a partir dos traçados dos grafismos inscritos no próprio corpo, desenvolveram suas formas próprias de escrita que há séculos permitem estabelecer uma comunicação visual. Esses signos não seguem o padrão fonético e possuem uma dinâmica

própria, com significados específicos a partir dos códigos de cada comunidade. Por integrarem uma sabedoria milenar, as inscrições visuais corpóreas merecem ser preservadas, assim como a vitalidade da palavra literária oral. Em cantos, nos rituais, e na contação de histórias, a performance do corpo também aparece: entoando versos e encenando as narrativas. Essas duas dimensões (escrita visual e produções literárias orais) revelam a potência das artes imagéticas e verbais dos povos originários.

A escrita alfabética, em um primeiro momento, é inserida nas comunidades para promover a imposição cultural dominante e o apagamento dos saberes de cada nação. No entanto, os indígenas entenderam a potencialidade de utilizar essa arma a favor de seus próprios interesses. Os educadores são pioneiros na produção escrita indígena, pois compreenderam a importância de se salvaguardar o patrimônio oral imaterial em livros – a exemplo de *Cada dia é uma história* (2001) –, contribuindo para as crianças aprenderem a própria cultura no espaço escolar em uma concepção intercultural e bilíngue. Além disso, há a possibilidade, ainda que reduzida, de essas publicações circularem em outros espaços. A tecnologia da escrita se torna, portanto, uma arma de resistência contra o silenciamento das culturas indígenas.

Além do professor-escritor<sup>2</sup>, há a emergência de outros autores dos mais diferentes povos originários no país, publicando suas obras em editoras comerciais. Esse movimento tem sido analisado pela crítica como literaturas indígenas contemporâneas, que adquirem o formato de livro e circulam por outros lugares para além das aldeias. Algumas categorias críticas têm sido sugeridas pelos próprios indígenas para analisar essas obras. Levando em consideração sua vivência como mulher Pataxó e sua formação como pesquisadora, Adriana Pesca (2020) discute que esses textos demonstram as escritas-resistência dos povos originários. Para a autora, é necessário “pensar uma escrita-resistência a partir de produções indígenas que sejam concebidas a partir de novos sentidos, fazendo-se existir e legitimando-se num rito coletivo de vozes” (PESCA, 2020, p. 571). Logo, um agenciamento coletivo é articulado no fazer literário de um autor.

Para Pesca (2020, p. 571), o conceito sugerido permite entender que essas produções viabilizam “um novo espaço de inscrição de culturas, de grupos étnicos, de narrativas e de histórias, em que não se permite evocar apenas uma voz, mas uma multiplicidade, que irá

---

<sup>2</sup> Termo usado por Maria Inês de Almeida (2009) para refletir acerca dessas produções escritas que tiveram o pioneirismo dos educadores indígenas (ALMEIDA, 2009).

contrariar a ordem dominante ainda vigente”. Assim, “provocando um rasgo sistêmico e propondo um embate não apenas linguístico, mas também, epistemológico, contra os poderes de dominação da colonialidade” (PESCA, 2020, p. 572). O ato de escrever, portanto, para além de um processo de representação literária, impulsiona deslocamentos epistemológicos eurocêntricos para que o público leitor conheça perspectivas ontológicas diferentes da visão dominante.

Diante da importância de os indígenas estarem buscando o registro da própria história – como anunciam Pataxó, Poniohom e Jassanã (2001) – e com isso tecer escritas-resistência (Pesca, 2020), busca-se aqui analisar a história de surgimento desse povo narrada no livro *Txopai e Itohã*, de Kanátyo Pataxó (1997). Levando em consideração a força expressiva das ilustrações, que mostram a imagem como expansão das possibilidades de dizer, examina-se também algumas pinturas que foram confeccionadas pelo autor da obra. Em um primeiro momento, discute-se a noção de memória cultural para abordar o acervo cosmológico que constitui as histórias dessas nações e apresenta especificidades, as quais, por vezes, não se enquadram na categorização ocidental “mito”. Em seguida, investiga-se a produção de Kanátyo Pataxó – escritor e artista Pataxó baiano que migrou para Minas Gerais –, verificando o olhar desse povo cujo surgimento provém das águas. Assim, pretende-se evidenciar que o imaginário Pataxó possui uma intensa relação com a Terra, a qual orienta as práticas culturais da comunidade.

### **Memória cultural e as histórias de antigamente**

A sociedade hegemônica constantemente desvaloriza as histórias de criação do mundo dos povos indígenas por não estarem alinhadas à concepção ocidental cristã. Essas narrativas podem ser consideradas filosofias e expõem percepções cosmológicas acerca do funcionamento das próprias sociedades. Para analisar esses imaginários a partir de um ângulo anticolonial, é preciso traçar uma investigação que não se reduz às categorias ocidentais – observadas nos termos “mitos” e “lendas” – e examinar esse patrimônio a partir de noções formuladas por intelectuais indígenas. Esses estudiosos têm discutido as narrativas milenares orais como fundamentos de suas culturas.

Kaká Werá Jecupé (2020) acredita que cada povo relata a sua origem de forma expandida, integrando configurações para além de sua existência humana. As histórias com essa visão pertencem a um tempo longínquo, que não pode ser mensurado cronologicamente:

Ao contar sua história, um índio, um clã, uma tribo, parte do momento em que sua essência-espírito permeou a terra e relata a passagem dessa essência-espírito pelos reinos vegetal, mineral e animal. Há tribos que começam a sua história desde quando o clã eram seres do espírito das águas. Outras trazem a sua memória animal como início da história, assim como há aquelas que iniciam a sua história a partir da árvore que foram (JECUPÉ, 2020, p. 14).

Logo, os indígenas surgem no universo assumindo múltiplos corpos, de acordo com as narrativas de sua nação. Essas existências transitam pelas dimensões de outros seres vivos não humanos, que estão presentes em suas narrativas de origem.

Os ensinamentos acerca das histórias milenares compõem a memória cultural dos povos indígenas, podendo ser expressa oralmente (nas vozes do pai, avô e tataravô) e também por meio da grafia-desenho (grafismo). Segundo Jecupé (2020, p. 33), “os ancestrais fundaram o mundo, a paisagem, e, de si mesmos, fundaram a humanidade”. As sabedorias antigas são compostas por um acervo milenar não demarcado com categorias historiográficas.

É necessário “percebermos como o pensamento indígena se espalhou e como expressa sua memória cultural e seu jeito de contar sua história” (JECUPÉ, 2020, p. 66). Para tanto, o pensador recorre às narrativas dos povos Desana, Tupy-Guarani, Xavante e Yanomami com o objetivo de estudar a presença de seres encantados como agentes da criação do universo. Ao realizar essa análise, o autor constata que:

Essas histórias revelam o jeito de o povo indígena contar sua origem, a origem do mundo, do cosmos, e mostra como funciona o pensamento nativo. Os antropólogos chamam de mitos, e algumas dessas histórias são consideradas lendas. No entanto, para o povo indígena é um jeito de narrar outras realidades ou contrapartes do mundo em que vivemos. De maneira geral, pode-se dizer que o índio classifica a realidade como uma pedra de cristal lapidado, com muitas faces. Nós vivemos em sua totalidade, porém só apreendemos parte dela pelos olhos externos. Para serem descritas, é necessário ativar o encanto para imaginarmos como são as faces que não se expressam por palavras (JECUPÉ, 2020, p. 71).

O autor questiona o uso antropológico do termo mito. Como uma palavra criada na perspectiva ocidental para definir essas narrativas conseguiria expressar “um jeito de narrar outras realidades, ou contrapartes do mundo em que vivemos”? (JECUPÉ, 2020, p. 71). As outras facetas da realidade apresentam uma complexidade que foge da razão ocidental e do logocentrismo, por isso noções formuladas a partir desses dois eixos não conseguem exprimir a força dessas histórias. Estas trabalham com percepções sensíveis de encantamento, que não podem em sua totalidade ser entendidas por meio da visão, é preciso ativar os outros sentidos, principalmente a capacidade imaginativa.

Diante da impossibilidade do uso de categorias ocidentais, como nomear narrativas que estruturam o pensamento dessas sociedades? Embora cada nação elabore a sua própria perspectiva acerca de como nomear as narrativas, é comum o uso da expressão “histórias de antigamente” para designar esse patrimônio verbal imaterial. Edson Kaxinawá, Isaac Ashaninka e outros (1996) afirmam que esse termo se refere às narrativas cruciais para o entendimento do povo acerca do mundo. Isso porque “cada povo explica de maneira diferente como foi que nasceu o mundo, os homens, o sol e a lua, os nomes das coisas, os bichos, os legumes, as festas, os remédios da mata, o cipó e todas as ciências” (KAXINAWÁ; ASHANINKA; et. al., 1996, p. 6). Além de discutirem sobre o surgimento de tudo o que compõe o universo, essas histórias estão situadas fora da linearidade do tempo, não sendo possível identificar exatamente quando aconteceram. A palavra “antigamente” sugere a impossibilidade de medir o tempo e que o valor dessas histórias está relacionado ao fato de serem milenares, se mantendo vivas pela transmissão dos antepassados.

A memória cultural dos povos é expressa nas histórias de antigamente que são o alicerce dessa organização social. Os Pataxó também têm uma narrativa de surgimento de sua nação, que foi recriada por um autor membro da comunidade. Assim, as escritas indígenas podem ser instrumentos para salvaguardar e disseminar o patrimônio oral imemorial das nações.

### **Escrita, arte e pensamento em *Txopai e Itôhã*, de Kanátyo Pataxó**

Nascido na aldeia Barra Velha (Bahia), em 1961, Kanátyo Pataxó é cacique, educador, escritor, compositor e artista. Nos registros civis, o seu nome é Salvino Braz dos Santos. Atuou na luta pelo direito à educação escolar indígena intercultural, diferenciada e

bilíngue, colaborando com a produção de materiais didáticos para os espaços de ensino. Embora a sua região de origem seja a comunidade Pataxó, no estado da Bahia, hoje o autor vive entre integrantes desse povo que moram em Minas Gerais, na aldeia Muã Mimatxi (Pequena Moita da Mata).

A trajetória diaspórica do escritor acompanha o processo de dispersão enfrentado pela sua nação. Txahá Braz (2018), filha do autor, explica que, em 1951, ocorreu um massacre, conhecido como “Fogo de 51” pelos integrantes da comunidade. Nesse conflito entre policiais e indígenas da aldeia Barra Velha, casas foram incendiadas e houve um grande derramamento de sangue que provocou um trauma e incentivou a dispersão da comunidade. Com isso, “muitos dos Pataxó fugiram para sobreviver. Outros ficaram ali mesmo, na *aldeia mãe* de todos os Pataxós (Barra Velha - BA), lutando pela sobrevivência. O Massacre de 51 foi um dos motivos que levou a saída de alguns Pataxós de Barra Velha para o estado de Minas Gerais” (BRAZ, 2018, p. 23). Logo, essa nação passou a viver em mais de um lugar do país.

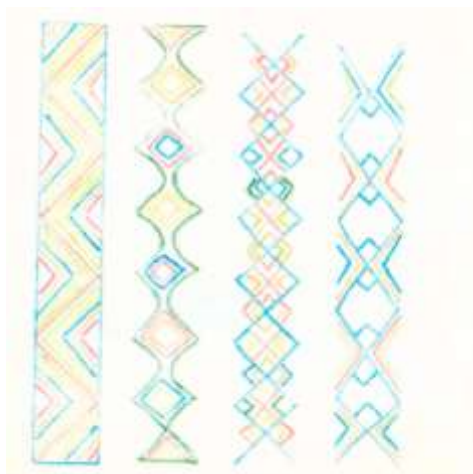
Na década de 1980, o grupo familiar do autor migra para Minas Gerais, passando a integrar a aldeia Muã Mimatxi, que está “localizada no município de Itapacerica, centro-oeste mineiro, sua área é de 153.2825 hectares. A aldeia é formada por um pequeno grupo familiar, com 8 famílias, totalizando aproximadamente 50 pessoas, entre adultos jovens e crianças” (BRAZ, 2018, p. 24). Dessa forma, Kanátyo Pataxó possui uma trajetória migrante, com vivências nos dois estados do Brasil.

Publicado pela primeira vez em 1997, com o apoio do Ministério da Educação, o livro *Txopai e itôhã* apresenta texto e ilustrações produzidos por Pataxó. É importante destacar um outro nome que também contribuiu para a elaboração da obra: Apinhaera Pataxó, cujo nome oficial é Sijanete Alves dos Santos, sendo a contadora da narrativa. Isso mostra que o livro é atravessado pela fala de uma sábia da comunidade, com isso a produção se torna “um rito coletivo de vozes” (PESCA, 2020, p. 571), nos caminhos da escrita-resistência.

O título *Txopai e Itôhã* já faz referência a palavras na língua da comunidade, um idioma que traz termos e significados específicos para o povo. O início do texto já demarca ser uma história longínqua: “antigamente, na terra, só existiam bichos e passarinhos, macaco, caititu, veado, tamanduá, anta, onça, capivara, cutia, paca, tatu, sariguê, teiú... Cachichó, cágado, quati, mutum, jacu, papagaio, aracuã, macuco, gavião, mãe-da-lua e muitos outros

passarinhos” (PATAXÓ, 1997, p. 6-7). Várias espécies são citadas em um período no qual os animais eram os seres vivos exclusivos da terra, o que antecede a existência humana. Ao citar que “cada raça de bicho e passarinho era diferente, tinha seu próprio jeito de viver a vida” (PATAXÓ, 1997, p. 9), o autor expõe padrões gráficos inspirados em alguns animais:

Figura 1. Animais representados em desenhos gráficos



Fonte: Kanátyo Pataxó, 1997, p. 9.

Na figura 1, enquanto alguns traçados se assemelham ao movimento sinuoso do corpo de cobras, outros estão ligados à forma de peixes nadando em conjunto. Cada bicho se apresenta corporalmente de uma forma e os grafismos captam algum traço dos animais, olhando com atenção para eles e buscando traduzir essa beleza a partir de desenhos gráficos. Segundo Adriele Ponçada (2018, p. 13), “para entender sobre a simbologia do povo Pataxó em suas Notxonatxá (Pinturas) precisamos saber um pouco da sua origem”. Com isso, as notxonatxá estão relacionadas a essa história de antigamente, na qual apenas os bichos existiam. Levando esse aspecto em consideração, existe uma dimensão afetiva de se espelhar nos animais para criar os grafismos que poderão ser pintados no corpo.

O cenário de apenas a natureza reinar no planeta sofre alteração quando surge o primeiro ser humano que nasce de gotas da chuva:

Um dia, no azul do céu, formou-se uma grande nuvem branca, que logo se transformou em chuva e caiu sobre a terra. A chuva estava terminando e o último pingo de água que caiu se transformou em um índio.



O índio pisou na terra, começou a olhar as florestas, os pássaros que passavam voando, a água que caminhava com serenidade, os animais que andavam livremente e ficou fascinado com a beleza que estava ao seu redor (KANÁTYO, 1997, p. 10-11).

O último pingo de água se transformar em um indígena sugere a indissociabilidade desses sujeitos com a Terra. É importante notar que, pelo fato de a cosmogênese Pataxó estar vinculada à água, a presença humana no universo com o surgimento do primeiro indígena não causa ameaça à natureza. Isso mostra uma relação de continuidade entre a água e o corpo humano. Assim, não existe uma cisão entre a natureza e a cultura, pois ambos já surgem juntos. Além disso, o personagem sente-se maravilhado ao observar as florestas. Esse encantamento mostra uma concepção de beleza que está ligada à natureza. Como afirma Kanátyo Pataxó (2021)<sup>3</sup>, “a primeira escrita do mundo foi imagem”, por isso Txopai – nome que apenas é mencionado no final da trama – busca ler as imagens que a Terra lhe oferece, constantemente apreciando a beleza da paisagem. Com isso, o primeiro habitante da terra estava deslumbrado com a beleza que assistia ao seu redor e poderia ser percebida nos animais, nas árvores e no céu:

Figura 2. Txopai contemplando o céu



Fonte: Kanátyo Pataxó, 1997, p. 14.

<sup>3</sup> PATAXÓ, Kanátyo. Intervenção oral na discussão: “O que se pode aprender com o passado?”. Mekukradjá, 2021. **Itaú Cultural**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2CRoOjOkZdg&t=5840s> >. Acesso em: 2 out. 2021.

Ao olhar o céu estrelado, Txopai recebe a atenção da lua que se inclina para a direção do personagem. Na cena, a fogueira traz luminosidade e o céu se mostra estrelado. Esta é a primeira e única vez na história que aparece a figura de um ser humano; as outras ilustrações se detêm nas cenas da natureza. Essa prática do autor demonstra que Txopai – e os demais Pataxó – são seres que compõem os elementos naturais e não interferem radicalmente nesse ambiente. Integram a paisagem e os outros seres, os quais estão em constante aparecimento nas pinturas do autor.

O protagonista da trama conhecia as “sabedorias sobre a terra” (PATAXÓ, 1997, p. 12) a ponto de, pela observação da paisagem, entender quais seriam as melhores épocas para plantar, pescar e caçar. Identificar as propriedades curativas das plantas também foi uma ação realizada por ele, além de fazer rituais de agradecimento à Terra.

Outros Pataxó também surgem a partir de gotas de chuva: “um dia, o índio estava fazendo ritual. Enxergou uma grande chuva. Cada pingo de chuva ia se transformar em índio. No dia marcado, a chuva caiu. Depois que a chuva parou de cair, os índios estavam por todos os lados” (PATAXÓ, 1997, p. 17). Com todos os seus conhecimentos sobre a terra, Txopai ensina todas essas sabedorias e segredos aos indígenas que acabaram de surgir. A missão de Txopai era transmitir os rituais, como fazer roça e cuidar da terra. Após esse trabalho, poderia retornar ao Itôhã, sua morada no céu. A nação Pataxó seguiu os ensinamentos do primeiro membro do grupo. As técnicas de plantação também foram aprendidas:

Figura 3. Roça Pataxó



Fonte: Kanátyo Pataxó, 1997, p. 22.

Preparar a terra e fazer o cultivo da mandioca são conhecimentos transmitidos por Txopai. A figura 4 mostra a separação do roçado em blocos de maniva, que ficam no território Pataxó. O povo está intrinsecamente ligado à terra, da qual se provém o alimento. Nesse sentido, as ilustrações realizadas por Kanátyo expressam que a etnia surgiu como mais um elemento da natureza, tal como um pingo de chuva tocando o solo. Por isso, a imagem do ser humano apenas aparece uma vez. Para o autor, trazer a paisagem, os bichos, as plantas é uma forma de também estar tratando da existência Pataxó. Assim, as pinturas contribuem para contar essa história, a narrativa de surgimento de um povo que nasce tão naturalmente na terra quanto surge uma gota de chuva ao cair no chão.

É interessante notar que a autodenominação do povo também está relacionada a essa narrativa de origem: “daquele dia em diante, os índios começaram suas caminhadas aqui na terra, trabalhando, caçando, pescando, fazendo festas e assim surgiu a nação ‘Pataxó’. Pataxó é água da chuva batendo na terra, nas pedras, e indo embora para o rio e o mar” (PATAXÓ, 1997, p. 22-23). Ser água é um fundamento para a existência dessa nação. Os próprios indígenas da comunidade, baseados nas histórias de antigamente que ouviram, reforçam essa vinculação à água de forma real em suas vidas, não como uma abstração poética. Essa narrativa converge com relatos abordados em textos teóricos de indígenas e é exposta em trabalhos científicos para pensar de onde os Pataxó vieram, expondo também que a autodenominação tem relação intrínseca com o barulho da água no chão:

A origem da palavra Pataxó veio do movimento das pedras no mar na aldeia mãe [aldeia Barra Velha], que era o ponto principal dos encontros dos Pataxó e morada de alguns. Voltando à origem da palavra “Pataxó”, diz-se que certo dia um grupo de índios estava pescando quando ouviu o som das águas do mar, batendo nas pedras. O primeiro encontro da água com a rocha fazia “PA”, as águas subiam e, ao descer, batiam novamente nas pedras fazendo “TA”, e ao retornarem para o mar faziam “XO”. A partir desse momento, aquele grupo nômade que vivia livremente no litoral ficou conhecido como o povo “PATAXÓ” (PONÇADA, 2018, p. 12).

Foi também da observação da natureza que surgiu esse nome, especialmente ouvindo o barulho do mar. Dessa forma, toda a percepção de mundo desse povo é fundada na relação com a água, que é real e direciona a sua organização social. Até mesmo as três sílabas que compõem o nome do grupo surgiram naturalmente, como presente deixado pelo movimento

das ondas. Em símbolo de respeito e retribuição, os Pataxó realizam, também, a Festa das Águas, que ocorre em outubro e envolve toda a comunidade: “as famílias levam mandioca, farinha de puba e carne para cozinhar e assar. Durante a festa, nós cantamos para as famílias, as crianças, os protetores da mata, a lua, o sol, a terra e as águas. Essa festa para nós é muito importante porque a água é o princípio da nossa vida” (PATAXÓ; PONIOHOM; 2001, p. 38). Assim, essa celebração é também um gesto de lembrar de onde esses indígenas vieram, constantemente tornando viva a memória dessa origem.

### **Do princípio da vida: os Pataxó são água**

Os livros produzidos por indígenas têm registrado diferentes concepções de mundo que ainda são pouco compreendidas pela sociedade dominante. Há a presença de uma complexa percepção cultural e cosmogônica indígena em narrativas incompreendidas no sistema de pensamento ocidental, por isso classificadas a partir de terminologias que, por vezes, reduzem o potencial dessas histórias. Seja considerando-as “mitos” ou “lendas”, o olhar cartesiano não consegue apreender a multiplicidade de concepções culturais que estão presentes nesses arquivos de memória oral e sendo traduzidas para o formato escrito.

As histórias de antigamente apontam filosofias que orientam cada povo. A partir da memória cultural, elas são narradas e expõem um tempo não linear e nem datado cronologicamente. Nos tempos antigos, os animais e demais seres da natureza viviam livremente sem ameaça humana. Os próprios indígenas já foram esses elementos, transitaram como espírito por diferentes corpos até se constituírem na forma humana. Os seres de diferentes espécies possuem uma dimensão equivalente à posição de sujeito, ocupada pelo ser humano. Deste modo, nessa concepção, o homem não é visto como superior aos outros seres, tal como é defendido na tradição ocidental da razão iluminista.

*Txopai e itôhã* (1997) retrata o princípio da vida Pataxó. Escrito por Kanátyo Pataxó, o livro já em seu título afirma a importância das línguas indígenas, as quais salvaguardam sentidos próprios que só podem ser ditos utilizando essas palavras. Txopai surgiu de uma gota de chuva, trouxe conhecimentos sobre a terra, cultivou e fez rituais. Quando os outros indígenas surgem, o protagonista transmite esses ensinamentos e depois retorna para sua morada no itôhã. Adquirir a forma da água cria uma relação de extensão entre esse elemento

e os humanos desse povo, pois até mesmo antes de esses indígenas existirem na forma humana, eles já estavam presentes na Terra em todas as vezes que chove e na água que se movimenta nos rios e mares.

Dessa forma, *Txopai e Itôhã* (1997) registra a memória cultural desse povo que é recolhida a partir da audição da voz de Apinhaera Pataxó. A natureza aparece mais do que os corpos humanos porque é necessário mostrar que o povo Pataxó nasce dessa vinculação à terra, sendo indissociável dela, por isso a paisagem se faz presente na maior parte dos desenhos. Assim, o livro utiliza as pinturas para também contar histórias, narrativas plurais de um povo filho das águas.

## Referências

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BRAZ, Txahá. **O saber matemático nas vivências cotidianas da Aldeia Muã Mimatxi**. Trabalho de Conclusão de Curso. Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação em Matemática, da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), 136 p. Disponível em: < [https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2018/TCC\\_Thaxaversao\\_final.pdf](https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2018/TCC_Thaxaversao_final.pdf) >. Acesso em: 6 out. 2021.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. Ilustrado por Taisa Borges, 2 ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KAXINAWÁ, Edson; ASHANINKA, Isaac; APURINÃ, Geraldo; YAWANAWÁ, Fernando. A história indígena. In:\_. IGLESIAS, Marcelo Piedrafita; OCHOA, Maria Luiza P. (Orgs.). **História indígena**. Comissão Pró-Índio do Acre, CPI/AC, 1996.

PATAXÓ, Kanátyo; Poniohom; Jassanã. **Cada dia é uma história**. Brasília: MEC, 2001.

PATAXÓ, Kanátyo. Intervenção oral na discussão: “O que se pode aprender com o passado?”. Mekukradjá, 2021. **Itaú Cultural**. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=2CRoOjOkZdg&t=5840s> >. Acesso em: 2 out. 2021.

PATAXÓ, Kanátyo. **Txopai e itôhã**. Programa de Implantação das Escolas Indígenas em Minas Gerais (SEE/MG). Belo Horizonte, 1997.

Livro disponível em: < [http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp\\_txopai%20e%20it%C3%B4h%C3%A302.pdf](http://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp_txopai%20e%20it%C3%B4h%C3%A302.pdf) >. Acesso em: 6 out. 2021.

PESCA, Adriana. Escritas-resistência: autoria indígena. **Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XVIII, V1, n. 2, 2020. p. 557- 573. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/9666> >. Acesso em: 05 out. 2021.

PONÇADA, Adriele. **Moytãxó'wãý apekôy'txê ug iõp koxuk txóp kioiã tsaêhú upâ pataxi txó hãhãwré urauna'há makiamé**: pinturas corporais e os grafismos dos objetos artesanais das aldeias do território Barra Velha. Trabalho de Conclusão de Curso. Formação Intercultural de Educadores Indígenas FIEI/FAE/UFMG, da Universidade Federal de Minas Gerais, 53 f. Disponível em: < [https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2018/TCC\\_Adriele-versao\\_final.pdf](https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2018/TCC_Adriele-versao_final.pdf) >. Acesso em: 3 out. 2021.

Artigo recebido em: 09.10.2021

Artigo aceito para publicar em: 04.01.2022